

# André Chervel e os estudos sobre o ensino de língua

## André Chervel and studies on language teaching

Suzete de Paula Bornatto<sup>1</sup>

suzete.ufpr@gmail.com

Universidade Federal do Paraná

**RESUMO** – André Chervel é referência nos estudos brasileiros de história da educação desde os anos 1990, mas pouco conhecido entre os pesquisadores do ensino de línguas; o texto visa apresentar brevemente sua trajetória de pesquisa e o reconhecimento que obteve na França, a fim de situar a leitura da tradução do artigo “Das disciplinas à cultura escolar: o caso do ensino de ortografia na escola primária”, em que Chervel problematiza o impacto cultural do que é produzido na e para a escola.

**Palavras-chave:** história do ensino de francês, ensino de língua, cultura escolar.

**ABSTRACT** – André Chervel is a reference in Brazilian history of education studies since the 90s, however he is less known among researchers of language teaching; the text aims to briefly present his research career and the recognition he obtained in France in order to situate the article translation reading “From school disciplines to school culture: the case of spelling teaching at elementary school” where Chervel questions the cultural impact of what is produced in and for the school.

**Keywords:** history of French language teaching, language teaching, school culture.

Quem é Chervel e o que ele tem a dizer para professores de português no Brasil? Linguista com experiência no magistério de ensino médio, ele foi professor na Universidade de Provence e na Universidade da Califórnia; a partir da década de 1980, compôs a equipe do Serviço de História da Educação (SHE), criado em 1970 e alocado no INRP – *Institut National de Recherche Pédagogique*, instituto de pesquisa mantido pelo governo francês até 2010. A partir do estudo da história da linguística, da gramática e do ensino de língua na França, Chervel fundamentou sua tese sobre a “cultura escolar” – contrapondo-se à concepção de transposição didática e a um certo senso comum que supõe que a escola apenas adapta, reduz ou simplifica conteúdos de um saber elaborado em esferas superiores, ele defende que a instituição também cria – e que as consequências dessa criação não são ainda suficientemente investigadas no âmbito da cultura.

Em *Et il fallut apprendre à écrire à tous les petits Français – Histoire de la grammaire scolaire* (E foi preciso ensinar todos os francesinhos a escrever – História da gramática escolar), Chervel (1977) analisa como, entre o final do século XVIII e o início do XIX, a fim de melhorar a leitura, foi preciso ensinar ortografia e, para isso, foi necessário ensinar gramática – o que propiciou a criação de gramáticas escolares, elaboradas por profes-

sores – um saber próprio para fins pedagógicos, mas cuja nomenclatura foi utilizada também pelo mundo acadêmico. Embora não se refira à “circularidade da cultura”, nos termos de Bakhtin, Chervel demonstra como essa criação escolar atinge um âmbito cultural ampliado; no caso da ortografia, as bem-sucedidas práticas de ensino do século XIX ajudam a fixá-la, mas também originam uma questionável identificação entre domínio ortográfico e cultura francesa (que se estenderia até os dias atuais: o domínio da ortografia como elemento de distinção). Assim, entre os historiadores da educação, Chervel é referência fundadora para a história das disciplinas escolares, mas também para a reflexão sobre o papel da escola na cultura de uma época.

Apesar de sua extensa produção, no Brasil apenas três textos seus haviam tido tradução até o momento: o primeiro, “História das disciplinas escolares – reflexões sobre um campo de pesquisa”, publicado na *Revista Teoria & Educação* (Porto Alegre) em 1990, é certamente o mais citado; o segundo, “Quando surgiu o ensino secundário?”, saiu na *Revista da Faculdade de Educação* da USP em 1992; e o terceiro, em coautoria com Marie-Madeleine Compère, “As humanidades no ensino”, foi traduzido para a *Revista Educação e Pesquisa* em 1999. Os interlocutores nacionais têm sido, portanto, preferentemente os pesquisadores da Educação.

<sup>1</sup> Universidade Federal do Paraná. Rua XV de Novembro, 1299, Centro, 80060-000, Curitiba, PR, Brasil.

Segundo Mariana Cassab (2010, p. 241), na produção de pesquisadores brasileiros sobre a história das disciplinas escolares, André Chervel é o mais citado: o texto sobre a história das disciplinas escolares é considerado um marco na constituição da pesquisa nessa área: “Apesar da importância alcançada pelo autor, apenas mais uma publicação aparece citada nos artigos: *La culture scolaire: une approche historique* (*A cultura escolar: uma abordagem histórica*), talvez pela ausência de tradução de suas produções para a língua portuguesa”. Uma hipótese para essa falta de traduções é a temática – intersecção de pesquisa entre diferentes campos – por um lado, especificidades linguísticas que não interessam a todos os historiadores da educação e, por outro, uma perspectiva histórica e analítica focada no ensino, que não é do interesse de boa parte dos linguistas.

Chervel é, portanto, um linguista que se transformou no principal historiador do ensino de francês, mas que segue mais conhecido no Brasil por pedagogos e professores de outras áreas do que por professores de língua. Por isso, o objetivo de trazer para uma revista de Linguística Aplicada o artigo “Das disciplinas escolares à cultura escolar...”, integrante de “*La culture scolaire*” (Chervel, 1998), é o de aproximar os pesquisadores do ensino de línguas dessa abordagem histórica.

### Perspectiva histórica e avaliação do presente

A investigação de Chervel pressupõe que a escola é uma instituição complexa, um espaço de confluência e de conflito de interesses, não um lugar de mero cumprimento de determinações. Diferentemente de outros historiadores, que partem da análise apenas da legislação ou da estrutura das instituições, Chervel inquiriu a materialidade – graças ao vasto material dos arquivos públicos franceses, ele se dedicou a pesquisar as práticas, os resultados, as relações entre o que esteve disposto nos textos oficiais, os programas das aulas e o aprendizado demonstrado pelos estudantes. Com esse intuito e com a colaboração de outros pesquisadores do SHE, analisou séries de provas, exames oficiais, textos de alunos, ditados e outras tarefas, gramáticas, listas de leituras, incluindo fontes até então pouco exploradas, como textos dos professores membros de ordens religiosas.

Esse trabalho minucioso e extenso só foi possível no âmbito de uma historiografia – a chamada “nova história cultural”, que conferiu status de objeto de pesquisa a elementos e experiências antes desprezados. A pesquisa revela as continuidades, mas também os momentos, causas e modos de mudança nos conteúdos ou exercícios próprios da disciplina. Nas palavras de Antonio Viñao (2008, p. 189), Chervel, além de assinalar o poder gerador da

cultura escolar e seu caráter relativamente autônomo, alude, com a expressão “cultura escolar”, não à cultura que se adquire na escola, mas à cultura que não se adquire fora dela.

Em 2007, Chervel recebeu o Prêmio Guizot, da Academia Francesa, por sua *Histoire de l'enseignement du français du xvii<sup>e</sup> au xx<sup>e</sup> siècle* (*História do ensino de francês do século XVII ao século XX*), de 2006. Esse livro sintetiza mais de três décadas de pesquisa, abarcando ensino primário e secundário, a organização da disciplina e seus grandes eixos – língua, leitura, escrita, literatura. Recuperando a dificuldade de tratar como unificada, para fins didáticos, uma língua sem unidade, ele evoca as 17 reformas ortográficas do francês realizadas de 1650 a 1835, ano em que a ortografia ganhou sua feição definitiva – graças ao empenho dos professores e aos materiais utilizados.

Ao estudar a lista de autores canônicos para o ensino – cânone cuja relatividade é tratada também no artigo aqui apresentado – o autor mostra como, com o intuito de evitar leituras perniciosas ou moralmente indefensáveis e (embora sob a bandeira do ensino laico) sob forte influência da Igreja Católica, era necessário escolher autores não tão prestigiados pela tradição acadêmica. Discute também as práticas de escrita escolar – desde a cópia até a composição literária, questionando a aparente homogeneidade que se esconde sob os nomes de redação ou composição, assim como a ênfase, que se acentua ou reduz conforme a época, a orientação ou a influência de um autor, em textos “criativos”.

As transformações nos livros e nas práticas atestam como a escola acompanhou as mudanças externas – as experiências na escola muitas vezes antecipam a renovação didática oficializada pela legislação, a utilização dos manuais frequentemente se desvia daquela prevista por seus autores. Conforme Gérard Vigner (2013), a obra de Chervel tem o incomparável mérito de colocar em longa perspectiva temporal o que poderia parecer como uma invariante da cultura francesa, em relação à qual os alunos de hoje estariam sempre em desvantagem: assim, a “idade de ouro” jamais existiu – as queixas dos docentes sobre o nível dos alunos são um traço comum a todas as épocas e debates.

Como registrou Pascal Doyen, por ocasião da entrega a Chervel do título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Genebra, em 2012, seu trabalho oferece um paradigma de pesquisa e abre novas possibilidades de investigação a historiadores, estudiosos de didática, professores e estudantes de todos os níveis (Université de Genève, 2012). Além do interesse mais imediato na formação docente, a tradução do artigo tem a intenção de inserir as pesquisas sobre história das disciplinas nos eventos e publicações da área de Letras.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Para quem tiver curiosidade em ouvir Chervel, que continua em plena atividade, recomendo o vídeo – [http://cle.ens-lyon.fr/plurilingues/linguistique-et-enseignement-du-francais-une-perspective-historique-226124.kjsp?RH=CDL\\_PLU120000](http://cle.ens-lyon.fr/plurilingues/linguistique-et-enseignement-du-francais-une-perspective-historique-226124.kjsp?RH=CDL_PLU120000).

## Referências

- CASSAB, M. 2010. A produção em história das disciplinas escolares pela escrita de pesquisadores brasileiros. *Revista brasileira de história da educação*, **23**:225-251.
- CHERVEL, A. 1977. *Et il fallut apprendre à écrire à tous les petits Français, Histoire de la grammaire scolaire*, Paris, Payot, 306 p.
- CHERVEL, A. 1990. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, **2**:77-229.
- CHERVEL, A. 1992. Quando surgiu o ensino secundário? *Revista da Faculdade de Educação*, **18**(1):99-112.
- CHERVEL, A. 1998. *La culture scolaire – une approche historique*. Paris, Belin, 239 p.
- CHERVEL, A.; COMPÈRE, M.M. 1999. As humanidades no ensino. *Educação e Pesquisa*, **25**(2):149-170.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97021999000200012>
- CHERVEL, A. 2006. *Histoire de l'enseignement du français du xvii<sup>e</sup> au xx<sup>e</sup> siècle*. Paris, Retz, 832 p.  
<http://dx.doi.org/10.14375/NP.9782725628028>
- UNIVERSITÉ DE GENÈVE. 2012. Dies academicus 2012. Le savoir au service des droits humains. Disponível em: <http://www.unige.ch/presse/static/2012/dies-2012/dies-2011-light.pdf>. Acesso em: 03/03/2016.
- VIGNER, G. 2013. André Chervel. Histoire de l'enseignement du français du XVII<sup>e</sup> au XX<sup>e</sup> siècle. *Documents pour l'histoire du français langue étrangère ou seconde*, 45 | 2010. Disponível em: <http://dhfles.revues.org/2484>. Acesso em: 03/03/2016.
- VINHAO, A. 2008. A história das disciplinas escolares. *Revista brasileira de história da educação*, **18**:173-215.

Submetido: 16/03/2016

Aceito: 30/03/2016